



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Visuais – VIS
Licenciatura em Artes Visuais

**ENTRE MEDIAÇÃO CULTURAL E SALA DE AULA: POSSIBILIDADES
SENSÍVEIS DE CONHECIMENTO EM ARTES VISUAIS**

Isabela Formiga Oliveira Nascimento

Brasília
2018

Isabela Formiga Oliveira Nascimento

**ENTRE MEDIAÇÃO CULTURAL E SALA DE AULA: POSSIBILIDADES
SENSÍVEIS DE CONHECIMENTO EM ARTES VISUAIS**

Trabalho de conclusão do Curso em Artes Visuais, Habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientadora: Professora Dra. Ana Paula Ap. Caixeta

Brasília

2018

Banca Examinadora:

Orientadora Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta

Professora Dra. Rosana Andréa Costa de Castro

Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo suporte e a professora Ana Paula pela excelente orientação.

RESUMO:

Este trabalho é o resultado de reflexões sobre a prática da mediação cultural e a docência em sala de aula. A pesquisa é composta de relatos de experiências trabalhando em educativos de exposições de arte, somadas a experiências em sala de aula nas matérias de Estágio supervisionado 1 e 2, comparadas e pensadas a partir de bibliografias e outras pesquisas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE

Mediação cultural, docência, sala de aula, museu, espaço cultural.

SUMÁRIO

Introdução	06
Capítulo 1 - Experiências com mediação: o espaço cultural e a leitura de imagem	09
1.1 - Explorando as imagens	14
Capítulo 2 - Experiências com mediação e um olhar formativo	19
2.1 Experiência 1 – CCBB (exposições <i>FILE</i> e <i>Athos Bulcão</i>)	22
2.2 Experiência 2 – Biblioteca Nacional (Exposição <i>Eu Leitor</i>)	25
Capítulo 3 – Aproximações e intersecções entre mediação e docência	31
3.1 A mediação cultural como narrativas para aprendizagem	33
3.2 Questões culturais: um elo entre a mediação e a sala de aula	35
Considerações Finais	38
Bibliografia	39

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce de reflexões a partir de uma relação sensível com a mediação cultural – propondo-se também afetiva¹ –, emergida de uma das minhas primeiras experiências na área de ensino das Artes Visuais, e, conseqüentemente, abrindo-me portas de trabalho. Apesar de toda a problemática entre estudar artes e ‘ganhar a vida’, questões como inserção no ‘mercado de trabalho’ e a tão sonhada independência financeira do jovem graduando são latentes no que tange o contexto da trajetória de um artista e/ou professor de artes. Sendo assim, é possível atentar-se que na mediação cultural há um jeito real de aplicar parte do conhecimento que se adquire na licenciatura em Artes Visuais para além da sala de aula. Trabalhar com mediação é uma experiência riquíssima para o profissional da área, que aprende muito ao sentir que todo o aprendizado adquirido no decorrer da graduação tem um valor importante em outros espaços de atuação e poderá dar um retorno diferente ou complementar àquele do ensino regular nas instituições educacionais.

Em um espaço geográfico como o Distrito Federal, cujo consumo artístico não atinge nem metade da população, é importante apontar um aspecto de compreensão: *como podemos entender a mediação cultural?* Grosso modo, pode-se entender que mediação cultural é um processo de troca, um movimento dialógico, cujo mediador inicia um discurso, apontando questões sobre os elementos mediados, no qual se leva em conta a bagagem e a vivência de cada pessoa que participa, fazendo com que pontos de vista particulares se tornem importantes, bem como seja possível uma provocação para novas reflexões e uma saída do senso comum ou mera opinião. Uma boa mediação cultural pode criar um interesse no público em entender melhor aquela obra de arte ou artefato que estão sendo apreciados. Ao mesmo tempo, também deve criar um elo entre mediador e público; um elo de identificação ou até mesmo de empatia, mesmo que aconteça de modo efêmero ou operacionalizado. Mesmo assim, alguma ligação acaba por ser criada, pois é algo que irá facilitar todo o processo de aprendizagem. Assim sendo, o desenvolvimento de empatia auxilia muito na apreensão de informações; se é

¹ A ideia de afeto aqui evocada nasce de um princípio de relações sensíveis entre mediador e público, possibilitando refletir sobre minha experiência pessoal para pensar melhor como a mediação é fator importante no contexto do ensino das artes visuais. Não é intenção deste trabalho desdobrar a fundo questões acerca do conceito de afeto no contexto da educação, explorado por Henri Wallon (1879/1962).

uma coisa que você gosta e que você se importa, com certeza haverá uma facilidade maior em se lembrar dela posteriormente.

De tantos questionamentos sobre qual a função social de nosso ofício, como artistas ou como arte/educadores ou professores de artes, no fim das contas, trabalhando com arte é que você consegue perceber, de fato, quais são algumas das possíveis funções do estudo dela. A exemplo, em uma mesma exposição de arte, é possível criar tantas abordagens diferentes, com fios condutores diferentes, pontos de vista, enfoques, discussões, debates, etc. É possível trabalhar as noções de identidade dos estudantes, noções de estética, de senso crítico, questões sociais, questões de sensibilidade, etc. E são todas essas possibilidades que tornam o trabalho tão rico!

Não é tarefa deste texto hierarquizar possibilidades de atuação no contexto de ensino das artes visuais. A escolha por trabalhar esse assunto veio naturalmente, pois em uma carreira como a de arte/educador², o profissional que entra em contato com as duas experiências logo pode perceber que há muito em comum nessas alternativas e notará como uma atuação pode contribuir para o desenvolvimento da outra. Então, as comparações entre esses campos acabam por acontecer espontaneamente, cujas intersecções entre os dois espaços são também provocações a serem desenvolvidas nesse trabalho.

Para tanto, pretendo explorar as possibilidades existentes na mediação cultural, vista como forma de educação não formal, em diálogo com a docência em sala de aula, tida como educação formal. Observando esses dois espaços a partir das minhas experiências de atuação enquanto mediadora e estagiária, poderei lidar com as perguntas: *Quais são as semelhanças e diferenças entre esses dois espaços de atuação? O que pode funcionar para os dois trabalhos? Quais lições podemos transportar de um espaço para o outro?*

Ao contemplar as discussões aqui empreendidas, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, de título *Experiências com mediação: o espaço cultural e a leitura de imagem*, abordará o conceito de mediação cultural segundo alguns autores, seguido de alguma de suas possíveis funções. Além disso, algumas considerações sobre a importância de exercitar a leitura de imagem também serão esboçadas.

² Optei por utilizar o termo arte/educador, considerando o viés da Ana Mae Barbosa ao tratar de questões de mediação.

O segundo capítulo, *Experiências com mediação e um olhar formativo*, falará sobre experiências de trabalho vividas em alguns espaços culturais, como o CCBB e a Biblioteca Nacional, e algumas possibilidades de abordagens com o público escolar.

O terceiro capítulo, intitulado Aproximações e intersecções entre mediação e docência, trará reflexões sobre a docência e a mediação cultural. Desse modo, a intenção é pensar quais suas semelhanças e diferenças bem como as possibilidades de se complementarem, e como a mediação cultural auxilia na atuação do docente em Artes Visuais.

O uso da autora Ana Mae Barbosa pode parecer um pouco controverso, entendemos aqui a problemática envolvida pois Ana Mae não é uma teórica do assunto e também não trabalha de forma a mostrar as fontes das teorias que relacionam o ensino da arte com o desenvolvimento cognitivo. Porém, sua pesquisa é importante para o tema e não pode ser desconsiderada apesar de suas falhas.

CAPÍTULO 1 – EXPERIÊNCIAS COM MEDIAÇÃO: O ESPAÇO CULTURAL E A LEITURA DE IMAGEM

O conceito de mediação cultural vem sendo aprimorado ao longo dos anos por alguns autores. Apesar de haver uma falha bibliográfica entre os teóricos da educação, pois o assunto é pouco explorado em livros, muito conteúdo é encontrado em artigos e pesquisas mais recentes. Todo esse contexto ressalta a importância da pesquisa e do desenvolvimento de trabalhos acadêmicos voltados para esse tema, a fim de fortalecer a área de trabalho.

Há uma construção do conceito de educação como mediação, como comenta Ana Mae Barbosa em seu livro *Arte/educação como mediação cultural e social*. A autora, ao mencionar Paulo Freire, diz que na contemporaneidade, prevalece a ideia de que ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo (BARBOSA, 2009). Sendo assim, é na interação com o outro que nos desenvolvemos.

A própria nomenclatura da ação educativa organizada em museus e espaços culturais vem se modificando com o tempo. Até porque a própria ação também veio se transformando, se tornando uma prática menos convencional e com relações menos hierárquicas. A autora Rejane Coutinho conta um pouco sobre sua experiência e relata que não há um consenso sobre o termo mais adequado. Ela relata que:

Temos ações educativas conduzidas por educadores; temos visitas mediadas conduzidas por mediadores; temos visitas simplesmente conduzidas por arte/educadores, ou por artistas-educadores, ou ainda por educadores-artistas que instauram situações de aprendizagem em colaboração com os públicos. Em comum nesse movimento de mudança está a negação de uma perspectiva educacional tradicional e monológica. (COUTINHO, 2018, p.146)

A autora traz algumas associações que a mediação cultural pode ter. Uma delas é a ideia de que a mediação cultural é uma espécie de tradução de conhecimentos artísticos, conforme nos aponta Coutinho (2018). Esse não é uma vertente que será explorada aqui, principalmente por entender-se que não se pode partir do pressuposto que o público é leigo e não tem nada a acrescentar – o que seria proposta por um tipo de mediação baseada na ideia de ‘tradução’.

Outro pensamento que está ligado a essa abordagem é a questão das políticas culturais e o acesso aos bens patrimoniais, principalmente quando se tratam de espaços públicos. A autora entende que esse viés pode “apontar para instâncias de conservação de relações de poder, num faz de conta de acesso não acessível” (COUTINHO, p. 146, 2018).

Outra possibilidade de encarar a mediação cultural é como uma experiência. Essa perspectiva vê o contato com a arte como uma forma de desenvolvimento relacional. Sobre esse assunto, pode-se acrescentar que a arte se pretende como forma de provocar experiências de diversas ordens, como experiências de construção de identidade ou processos de subjetivação (COUTINHO, 2018). E é essa a forma de mediação cultural que será explorada nessa pesquisa. A abordagem da arte como experiência e subjetivações é o viés mais sensível e que leva o sujeito espectador em consideração, colocando-o como atuante e não como um ‘sujeito passivo’.

O autor Cayo Honorato traz em seu artigo, “Usos, sentidos e incidências da mediação/questões de vocabulário” (2012), uma análise dos significados contidos na palavra mediação. Segundo Cayo, a palavra tem como precursora a palavra latina *mediare*. Ela pode ter três significados distintos: ocupar uma posição média; agir como intermediário; ou dividir ao meio. Sobre o último significado o autor diz:

[...] essa dança da palavra mediação com os sentidos de reconciliação, atuação indireta ou instrumental, ideologia e forma vai se esquecendo do sentido que, dentre aqueles três primeiros derivados de *mediare*, mais tarde apareceu (c. 1425) e primeiramente caiu em desuso: dividir ao meio; sentido que, na língua portuguesa, está presente na palavra *mear*, que também pode significar "chegar ao meio". Estamos acostumados a pensar que a função da mediação é ligar arte e público ou, quem sabe, proporcionar uma troca de experiências entre arte e público; mas não que a mediação pudesse, como a amizade, coincidir com o momento em que acontece uma "comunidade" dos que são meados pela experiência da arte. (HONORATO, 2012, p.8)

A referida abordagem traz uma perspectiva mais reflexiva acerca da função dessa interação entre público e arte, pois questiona a colocação de que o processo de mediação se resume a uma troca, promovendo o entendimento de que a troca depende cambio com valores agregados. É como se na mediação houvesse um momento em comum na apreciação da obra. Entretanto, é importante não encarar relações educacionais como mercadorias, que podem ser subjugadas por questões monetárias, mas como possibilidades ‘cambiais’ no que dizem respeito às valorações de ambos os lados envolvidos: mediador X espectador.

Honorato (2012), em outro texto, “Mediação para autonomia”, critica a relação de subordinação em que se encontra a mediação cultural perante todas as instituições que permeiam a exposição, desde sua montagem à organização de um programa educativo. Ele comenta que antes de se almejar que seja feita uma mediação para a autonomia do espectador, é preciso libertar a própria ação dos mediadores, que é travada em diversos momentos. Sendo assim, fica esclarecido que o processo de mediação pode ser pensado na montagem da exposição, em que a própria disposição das obras pode tornar tudo bem mais propício à experimentação do público. Assim, há de se facilitar o trabalho do mediador, bem como promover uma interação mais facilitada no contexto formativo providenciado.

O autor também apresenta o termo “transformativo” em seu texto “Relato sobre palestra, debate e oficina com Carmen Mörsch,” (2012), quando transcreve uma palestra realizada por Carmem Morsch. Ao longo da palestra, ela traz as quatro funções que percebe ter no trabalho de um mediador cultural. São elas:

1. função afirmativa: a mais difundida no museu; instrumento do museu para sua auto-afirmação como máquina da verdade, narradora de grandes histórias; expressa na visitas guiadas tradicionais, em que apenas se apresenta o texto curatorial aos visitantes; postura de que o público do museu é a clientela reservada dos profissionais ou especialistas.
2. função reprodutiva: preocupada com a formação do público de amanhã, com a manutenção do museu, por exemplo, daqui a vinte anos, diante da diminuição de seu público tradicional e tendo que concorrer com as sempre novas ofertas de lazer.
3. função desconstrutiva: aumentando a temperatura, questiona o museu em si – o que ocorre de vez em quando em muitas instituições; influenciada pela Nova Museologia anglo-saxã, pelas teorias feministas a partir da década de 1960 e pelos estudos pós-coloniais, questiona o museu em suas funções, por exemplo, a de selecionar, para lembrar as histórias que são caladas pelas histórias contadas; questiona os ritos civilizatórios que ele processa; empreendida também por artistas, em suas intervenções com ou para o público, como um comentário crítico do que ocorre.
4. função transformativa: mais difícil de ser efetivada; por um lado, perspectiva, compartilhada pela instituição, de que o trabalho da mediação mude e melhore a vida das pessoas, as condições sociais, e combata a desigualdade; por outro, tentativa de redefinir ou ampliar as funções do museu.

(MÖRSCH apud HONORATO, 2012, p.1)

Por meio dessas funções é possível perceber em quantas problemáticas a mediação cultural está envolvida. Ideologias políticas, questões de marketing, institucionalização de conhecimentos, legitimação de autoridade são só alguns dos problemas que perpassam a vivência de um educador.

A função transformativa é a abordagem que mais interessa a essa pesquisa. A ideia de ampliar as funções do espaço cultural é a que contempla um olhar sobre o sujeito de modo muito mais humano e social. Também é neste tipo de mediação que se compreende que não é mais pertinente que haja uma relação hierárquica, onde o conhecimento de uns valha mais que o de outros. Para este trabalho, julga-se é interessante e fundamental abrir espaço de voz para o público, sejam acadêmicos ou não, ou público espontâneo, de modo que haja o aprendizado dos códigos de acesso de matérias mais cultas ou formais, mas também para que haja uma interação entre o movimento de decodificação desses códigos. Vale lembrar que a referência feita a ‘códigos de acesso’ retoma um tipo de linguagem que favorece a relação público/obra em seus mais variados efeitos dialéticos e modos de interpretação. Se há acessibilidade cognitiva ao que se é observado, há maior interesse e imersão nesse universo das exposições.

Muitas vezes, o desafio do mediador pode estar justamente em adquirir uma boa visão das pessoas que está recebendo, fruindo, observando... Também faz parte fazer um bom diagnóstico inicial, para que adeque sua mediação, sua linguagem e até mesmo seu fio condutor a esse público. O mediador pode utilizar a experiência e as sapiências que os transeuntes possuem como ponto de partida para seu discurso. Por exemplo, com perguntas norteadoras: o que você sabe sobre isso? Nesse movimento, há de desenvolver estratégias para relacionar os dois códigos, partindo de um mais simples, mais confortável e familiar, até chegar, gradativamente, aos questionamentos mais complexos.

Aprender a realizar uma mediação é um processo longo e muito autorreflexivo. Em geral, o aprendizado se dá de maneira bem prática. Em algumas exposições, de arte eletrônica, por exemplo, uma das funções acaba sendo observar o funcionamento do aparato tecnológico presente naquele espaço. O mediador cultural, muitas vezes também cumpre as funções de monitor, segurança, recepcionista e até mesmo manutenção. São funções que não fazem parte do trabalho de um mediador cultural, mas que devido a certas logísticas dentro do espaço cultural, ele acaba preenchendo essas lacunas. O que não chega a ser um problema, mas, de algum modo, desvaloriza o trabalho do profissional e pode, também, distanciá-lo de seu foco principal.

O real trabalho do mediador é receber e acompanhar turmas de escolas ou também público livre ao longo da exposição, na tentativa, não só de tornar a visita uma

coisa mais controlada (no caso de escolas³), mas, principalmente, expandir a visão dos observadores a respeito daquele assunto. Todo o trabalho pode ser realizado de forma bem dialógica, fazendo com que os estudantes participem ao máximo daquela experiência. Um momento único que só pode ser proporcionado pela arte. A educadora Ana Mae Barbosa reforça isso ao dizer:

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2009, p.21)

O estudo da arte pode ser transformador e o aprendizado pode ser potencializado dentro de uma galeria. Estar naquele espaço causa uma sensação diferente nos estudantes, que encaram esse aprendizado de forma diferente do conteúdo que aprendem dentro de sala de aula. Estar cara a cara com o objeto proporciona a observação de detalhes e uma vivência que olhar uma foto não alcançaria.

O impacto é bem diferente. E como Barbosa coloca, certas habilidades podem ser plenamente exercitadas no contato com a arte e seu universo transdisciplinar: habilidades essas fundamentais a qualquer pessoa. A autora ainda ressalta como a arte tem uma importância muito grande na mediação entre os seres humanos e o mundo, de forma que o contato com a arte é essencial para a formação integral de um ser humano (2009).

1.1 Explorando as imagens no contexto da mediação

Um exercício que pode ser feito ao longo de uma visita a uma exposição ou em uma aula de artes é a leitura de imagem. A imagem pode ser analisada segundo vários parâmetros, que são automaticamente processados pelo nosso cérebro, mas que sem um conhecimento teórico não sabemos nomear. Humanos aprendem muito por meio de

³ Visitas feitas por escolas a museus e galerias tendem a obedecer certos critérios de organização e sistematização, devido ao grande número de participantes bem como da tutoria de um professor, que os acompanha.

imagens, entretanto, muitas vezes essas imagens são apenas consumidas e absorvidas sem nenhum filtro crítico. Analisar esses elementos estéticos que compõe as imagens que fazem parte de nossas vidas auxilia a tornar todo esse processo mais consciente e, consequentemente, mais reflexivo e crítico.

Neste espaço de discussão, optamos por tratar de modo básico e introdutório, questões de leituras de imagens a partir de um olhar da abordagem triangular que já está nos Parâmetros Curriculares Nacionais⁴, não levando em consideração os critérios e vigor da Base Nacional Comum Curricular. Também não será foco da discussão explorar méritos e/ou problemas da abordagem em questão, focando-nos, apenas, em tratar de um direcionamento de leitura de imagens comum para o espaço de ensino formal e não formal. Desse modo, é importante apontar que Ana Mae Barbosa propõe a leitura de imagem como o cerne de sua proposta triangular. A autora traz a relevância do uso de imagens no estudo de artes e frisa também a necessidade de se buscar estratégias para lê-las:

Temos que alfabetizar para a leitura de imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. (BARBOSA, 1991, P. 34)

Portanto o trabalho da mediação cultural é análogo ao trabalho em sala de aula, se simplificarmos a associação. Enquanto na escola as crianças aprendem a ler palavras e entram em contato com a cultura e a história. No espaço cultural, ela entra em contato direto com as imagens e desenvolve suas habilidades de interpretação junto com seu senso estético. Começa, também, a aprender com toda essa experiência um pouco sobre si mesma; sobre o que lhe agrada mais aos olhos e o porquê e se prefere a harmonia ou o caos, a cor ou o preto e branco, etc.

O trabalho feito por um mediador cultural não se encerra naquele momento em que acaba a visita à exposição. O aprendizado humano se dá em grande parte por meio de imagens, e, portanto é preciso tornar todo esse processo consciente. Hoje em dia, em nossa sociedade, temos acesso a uma variedade muito grande de imagens e que, muitas vezes, não temos nem escolha. Somos bombardeados por milhões de informações em forma de imagens.

⁴ Informações disponíveis em: < <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/pcnparametros-curriculares-nacionais.htm>>

Tornar o processo de apreensão de imagens consciente é essencial para filtrar todas essas informações com as quais entramos em contato. Caso não se adquira essa consciência, a tendência é ser levado por essa torrente de imagens e até mesmo ficar desconectado de uma interpretação mais fecunda, acessando somente a parte rasa das informações. A autora Ana Mae Barbosa fala sobre o assunto

Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, p 3, 1978)

É preciso ter acesso aos códigos de comunicação, sejam eles por meio de textos, imagens ou oralidade (como no caso do discurso do mediador). É preciso também aprimorar a interpretação, conhecer os mecanismos utilizados pelas imagens para convencer e para seduzir, buscando meios de não se prender ao movimento primário do efeito que elas causam. Esse tipo de processo educativo conduz para que não só possamos nos utilizar-nos desses meios, mas, também, saber quando esses meios estão sendo utilizados em nós.

A autora Analice Dutra Pillar, em seu texto “A leitura da imagem”, de 2001, traz uma perspectiva muito interessante e embasada sobre a leitura de uma forma geral, mostrando que a leitura da imagem e a leitura do texto são análogas e igualmente imprescindíveis. Analice Dutra fala que:

O que é então ler? E em que consiste ler uma imagem? Segundo os pesquisadores do Projeto Zero de Harvard, a leitura é uma atividade simbólica tão importante quanto a produção artística, porque é ela que possibilita interpretar as imagens. Baseando-se em Kant e na teoria construtivista de Piaget, o grupo concebe leitura como compreensão e interpretação, apreensão de informações, seletividade e reconstrução do objeto. Numa visão construtivista, a leitura é uma atividade complementar à produção, ou seja, para apropriar-se de um determinado objeto de conhecimento o sujeito constrói representações e interpreta-as. (...) Isto porque a atividade de leitura supõe a compreensão do modo de construção, seja de um texto seja de uma imagem. (PILLAR, 2001, p.1)

Portanto, a leitura de textos e a leitura de imagens não devem ter importâncias diferentes dentro do aprendizado escolar, seja ele formal ou não formal. A sociedade em que vivemos prescinde de leitores de mundo bem formados, que leiam textos dos mais diversos gêneros, imagens estáticas das mais diversas naturezas e imagens em movimentos em variados contextos.

Logo, o trabalho da mediação cultural, em sua particularidade, é mostrar aos estudantes certas técnicas iniciais passíveis de serem utilizadas em imagens ao longo da visita no Museu. E com o exercício e a prática, os alunos começarão a ler as imagens de sua própria vida. Praticando, eles poderão começar a criar suas próprias perguntas e suas maneiras mais confortáveis para ler e interpretar a informação, de forma que esse se tornará um processo automático (no sentido de aprendizagem), que será incorporado pelo olhar. Olhar esse que já não será um olhar ingênuo e facilmente manipulável, mas sim um olhar investigativo e curioso.

Ana Mae Barbosa expõe uma situação crítica a respeito do estudo das imagens na escola. Em seu livro *A imagem no ensino da arte* (1991), a autora coloca que apreciação artística e história da arte não têm lugar na escola. Diz ainda que as imagens disponíveis em sala de aula são as dos livros didáticos, das folhas de colorir e os desenhos dos próprios alunos. Como é possível ensinar artes sem o acesso a boas imagens? A autora faz esse relato em seu livro lançado em 2004, mas ainda hoje é possível perceber que essa situação permanece, embora critérios de ensino de história da arte estejam inseridos, contudo, sem grandes direcionamentos a um universo reflexivo e crítico.

Os recursos didáticos têm um papel fundamental no aprendizado das artes, no desenvolvimento cognitivo e no processo de leitura de imagens. Nas escolas públicas do DF, o acesso às imagens existe de maneira escassa. É interessante que as visitas em Museus e espaços culturais entrem de forma complementar as aulas de artes, de história e literatura que são ministradas nas escolas, podendo ser parte integrante, caso haja planejamento por parte da instituição, do modus de ensino de artes visuais.

A mediação cultural tem muito a contribuir nesse aspecto, pois as visitas levam o público a encarar a obra de arte de perto. Transformam o aprendizado em uma experiência sensível e também tornam mais fácil a prática da leitura de imagem. Quando todos os alunos observam uma mesma obra de arte, com todos os seus detalhes, seu relevo, sua experiência estética e em seguida são estimulados a apresentarem suas próprias impressões a respeito, é possível construir uma rede de relações e significados que perpassa a vivência de cada pessoa que ali se encontra.

É possível analisar a obra de arte ou uma imagem segundo aspectos formais da construção da figura ou podem-se analisar os possíveis significados, poéticas, leituras que aquela obra contém. Ana Mae (2009) ressalta que a capacidade de leitura de

imagens poderia ser desenvolvida através de diferentes teorias da imagem e também da relação entre imagem e cognição. O processo de desenvolvimento da cognição perpassa a análise de imagens e pode ser estimulado por meio dessa.

Estimulamos os estudantes a observar as formas ali presentes. Que tipo de imagem estamos olhando? É uma imagem figurativa? Como são os traços que formam esse desenho? Que tipo de técnica? A imagem simula três dimensões? Como o artista fez para que as formas ganhassem volume? Quais cores são predominantes? A imagem está equilibrada? Pra onde o artista quis levar nosso olhar primeiro? São perguntas que, no processo de mediação, vão levar a um olhar mais atento e que vão abrir espaço para que os estudantes comecem a imaginar relações entre aquela imagem e coisas que já conhecem.

Começar com as questões formais que são percebidas pelo olhar e a observação é uma estratégia, pois indagando o que os estudantes acham que aquilo significa cria certa insegurança por parte deles. Ao deixá-los observarem primeiro e, posteriormente, ouvi-los dizer o que estão vendo e percebendo, bem como compreender como estão chegando às conclusões apontadas fazem parte de uma construção coletiva/dialógica de leitura. Nesse movimento em que cada um observa e comenta sobre um detalhe diferente, é possível abrir espaço para que, no momento da discussão sobre as questões poéticas do trabalho, os alunos já estejam mais a vontade.

É importante que, em um primeiro momento, o estudante perceba que aquele é um espaço de troca de conhecimento e que não há respostas exatas para as perguntas feitas ali. Não há certo e errado, pois cada um tem oportunidade de desenvolver seu ponto de vista e o que deixa o contexto mais rico é a soma das experiências de cada pessoa que está participando da visita.

A arte também se propõe como espaço de voz sobre sentimentos humanos, buscas, conflitos e contextos, em que cada história é importante, cada pessoa é um potencial artista e está apto a criar. Dessa forma, o estudante pode perceber que, por meio da arte, ele pode ter voz e pode produzir uma obra de arte como possibilidade de expressar sua voz por meio dela; ou ele pode manifestar-se sobre as obras que o rodeiam como forma de entendimento sobre si mesmo. Descobrir todo o processo empático que se move conforme todas essas relações e também entender como são formadas e trabalhadas no contato com manifestações culturais fazem parte do universo de ensino das artes visuais, especialmente, quanto à mediação.

CAPÍTULO 2 –

EXPERIÊNCIAS COM MEDIAÇÃO E UM OLHAR FORMATIVO

Um ‘eu’ no mundo e o ‘outro’: a arte se relaciona com as experiências humanas no mundo cotidiano e é um elo importante de compreensão do sujeito no mundo, seja em seu contexto subjetivo individual/particular ou social/coletivo.

O escritor Abraham Kaplan (1980), em uma introdução para um livro de John Dewey, fala-nos que “não há outra base capaz de servir de alicerce à teoria estética senão o reconhecimento de que a arte é produto da interação contínua e cumulativa de um eu orgânico com o mundo” (1980, p.18). O ensino da arte na escola foi se distanciando dessa visão e com isso, se distanciando dos estudantes que não conseguem mais enxergar a relação entre eles mesmos e todo aquele conteúdo teórico.

John Dewey trata a arte como uma experiência, e valoriza muito a experiência estética na vivência e formação humanas. O autor diz:

A arte tem, sim, uma função moral de eliminar o preconceito, retirar os antolhos que impedem os olhos de ver, rasgar os véus decorrentes do hábito e do costume, aprimorar a capacidade de perceber. A liberdade exercida pelo artista em sua arte criativa tem sua contrapartida no ser do respondente, na experiência estética liberta do convencionalismo e do conformismo (DEWEY, 1980, p.46)

Em vários momentos da docência, seja ela formal ou não formal, surge uma demanda vinda do próprio público. Mais especificamente do público jovem, dos estudantes de uma maneira geral. O público livre, às vezes, também apresenta demandas por conhecimentos específicos, mas as turmas de escolas, frequentemente, deixam evidente que certo assunto precisa ser abordado. Como por exemplo, em uma situação que eu me deparei, ainda cursando Estágio 1, na qual a professora mostrou uma imagem de Manet, chamada “Piquenique na relva”, e os assuntos prostituição, abuso sexual e machismo surgiram trazidos pelos alunos durante a análise da imagem. Várias alunas quiseram participar da aula dando depoimentos e houve um momento de muito debate e emoção a respeito do tema.

As aulas de ciências humanas nesse momento suprem uma lacuna existente no espaço escolar, que é a formação do jovem como um cidadão respeitoso, como uma pessoa com senso crítico e capacidade de análise. Nas aulas de artes, nos momentos em Museus é possível discutir temas que não são abordados pelas matérias nem trazidos

formalmente no currículo, mas que fazem parte dos conflitos que os estudantes devem resolver.



Imagem 1 – Manet “Piquenique na relva”

Questões que são tocadas pelas obras de arte, algumas de maneira mais evidente, outras de forma mais sutil. Mas obras que vão levar os estudantes a confrontar o assunto e conversar sobre ele de forma racional, tentando entender as situações e a forma como os artistas pensaram sobre essas realidades. Questões como violência, abuso psicológico ou sexual, diversos tipos de preconceitos são alguns assuntos que muitas vezes estão no cotidiano dos alunos e eles não tem um espaço para se expressarem.

Muitas vezes eles pensam que não serão sequer ouvidos, isso porque não se sentem pertencentes aos espaços que estão frequentando. Dessa forma, é preciso que se trabalhem essas relações de autoestima do próprio aluno, que podem ser trabalhadas nas aulas, durante leituras de imagem. Nas quais o estudante é estimulado a falar, a dar sua própria opinião e a aprender que o espaço também é dele que ele deve ocupá-lo e ter sempre consciência de seu lugar de fala e do lugar de fala do outro que também deve ser respeitado.

Uma questão peculiar dos espaços culturais em Brasília e também de nossas escolas públicas é a do pertencimento. Ao longo da mediação, um dos focos principais pode ser deixar os alunos à vontade para falar e fazer com que eles se sintam mais pertencentes aquele espaço, conforme mencionado no capítulo anterior. Os sentimentos de pertencimento e identidade cultural podem ser também desenvolvidos pelo contato com as artes.

Os autores Souza e Azevedo, em um artigo para o 24º Seminário Nacional de Arte e Educação, intitulado “Identidade e pertencimento: uma abordagem no campo de ensino das artes visuais”, de 2014, salientam:

(...) saliento a relevância de proporcionar um ensino que visa tanto o pertencimento – fazer parte, pertencer – do discente à disciplina de artes, quanto à autonomia deste no estudo dos conteúdos artísticos relacionados com suas vivências. (...) No instante em que o aluno passa a estudar sobre si, poderá haver um interesse maior diante da disciplina que oferece tal oportunidade, pois esta está valorizando o seu mundo, por conseguinte, valorando o seu “eu” não somente enquanto aluno, mas também valorando esse “eu” constituído a priori, e fora dos muros da escola; suas vivências, suas culturas, sua história, etc. (SOUZA e AZEVEDO, p 552, 2014)

As galerias no DF são pouco frequentadas por públicos de baixa escolaridade e vulnerabilidade social, de forma que já se cria quase que automaticamente uma barreira por conta dessa realidade. Esse público nem sempre se sente à vontade para frequentar esse espaço, pois foi instituído de maneira velada que esses locais pertencem à elite. Barbosa também discorre um pouco sobre isso em seu artigo, ela diz que há um nicho de pessoas que querem manter o povo afastado do conhecimento da arte, conservando-o maçante para os que não têm educação formal, portanto domínio de poucos (BARBOSA, 2009).

Um dos papéis da mediação cultural é romper com esse paradigma. Os espaços culturais e as galerias devem ser frequentados por diversos tipos de pessoas, pois o espaço é público e é um direito de todos. É ainda mais importante para um público menos favorecido o acesso a esse tipo de educação informal que contribui, tanto para o desenvolvimento do pensamento e do raciocínio crítico bem como a um tipo de subjetividade que tem a ver com se reconhecer e se compreender nesse contexto visual das artes e do artístico em geral. Então, o objetivo passa a ser sempre o de aproximar ao invés de criar mais distância.

A educadora Livia Marques Carvalho escreveu em seu texto, “O impacto do ensino das artes nas ONGs” (2009), um pouco sobre esse processo de construção de valores positivos por meio das artes. Apesar de seu trabalho ser mais voltado para o ensino das artes em ONGs e não em escolas ou museus, sua contribuição é muito interessante pela percepção inclusiva que tem da arte educação. A autora diz que as ações educativas e as atividades artísticas provocam mudanças significativas na vida das crianças atendidas e que alguns dos benefícios citados foram o fortalecimento da

autoestima positiva, expansão da capacidade cognitiva, desenvolvimento de habilidades em modalidades artísticas, favorecimento de atitudes positivas, entre outros (CARVALHO, 2009).

Esse foi um discernimento que se adquire não só com a prática, mas também com muito estudo e interação com outros colegas em vários espaços culturais diferentes. Um centro cultural em Brasília que estimula bastante o acesso da população e o desenvolvimento de programas educativos é o CCBB (Centro Cultural do Banco do Brasil).

2.1 Experiência 1 – Centro Cultural Banco do Brasil CCBB (exposições *FILE* e *Athos Bulcão*)

Ao longo de uma experiência profissional nesse espaço, pude compartilhar muito aprendizado com todos da equipe, que era composta por profissionais de várias áreas diferentes. O contato com outros artistas e arte/educadores músicos, atores, artistas plásticos, pedagogos, intérpretes de libras, etc., é muito rico e proporcionou um olhar plural acerca do processo de mediação.

Experiências nesse espaço permitem o contato com vertentes diferentes de mediação, muitas delas bem engajadas na causa da educação informal para públicos não convencionais.

No CCBB, trabalhávamos com três frentes e os mediadores culturais se dividiam em grupos. Cada grupo pesquisava mais a respeito de uma dessas frentes. Depois trocávamos conhecimentos com colegas dos outros grupos em momentos variados. As frentes eram *acessibilidade*, voltada para o público com necessidades especiais; *pequenas mãos*, voltado para atividades pedagógicas para crianças; e finalmente *patrimônio cultural e vulnerabilidade social*, voltado para o público mais humilde.



Imagem 1 - Eu e meu colega de trabalho, Alysson, realizando uma atividade durante o fim de semana com crianças de 7 a 10 anos. Atividade era relacionada a exposição do Athos Bulcão, realizada no CCBB Brasília no início de 2018. Fonte própria.



Imagem 2 - Os colegas Filipe e Cadu realizando uma mediação com uma turma de alunos do Ensino Fundamental, também na exposição do Athos Bulcão. Fonte própria



Imagem 3 Neste dia, recebemos alguns alunos do Setor Leste e havia um aluno cego. Na ocasião, tivemos a oportunidade de testar o material desenvolvido para acessibilidade. Na foto, minha colega Bruna apresentando as peças a serem montadas. Fonte própria

O grupo de vulnerabilidade social sempre rendeu muitas conversas e reflexões sobre nossos lugares de fala e privilégios. Como nós recebíamos muitos alunos de escolas localizadas na periferia, realmente tínhamos a oportunidade de interagir diariamente com esse público. E foi durante esse período que aprendemos uma coisa que pode ser essencial na mediação cultural: *partir do indivíduo que está observando o objeto para se chegar até o objeto*. Dessa forma, pode-se começar a conversa tentando descobrir coisas sobre os gostos dos estudantes/visitantes. Sabendo um pouco das coisas que o público tem mais familiaridade, fica mais fácil apresentar uma coisa nova, mas que tem algum elemento em comum com o que eles já conhecem. É a criação de um elo entre o espectador e a obra que auxiliará na aproximação.

É um exercício constante de sondar o público e adequar a mediação a ele naquele mesmo instante. Criar ligações entre as coisas que os estudantes apresentam e a exposição que irão conhecer. Começar conversando sobre o que eles gostam, sobre o que eles conhecem e que tipos de espaços frequentam também ajuda a deixá-los mais a vontade. Fazê-los falar, mostrar que nesse espaço a voz deles também é importante e que será ouvida. Diminuir a hierarquia, mostrar que não são somente eles que aprenderão coisas ali, mas que os mediadores também terão as lições deles. Assim sendo, os estudantes também vão me ensinar, também vão conhecer coisas e trazer fatos inéditos. E dentro desse tempo que temos da visita, dentro desse espaço que é a galeria,

tudo isso importa e vai contribuir muito para leituras das obras de arte, para o processo de aprendizagem e para a fruição.

Todo esse processo caminha lado a lado com a construção de identidade cultural e também de autoestima, como apresenta a educadora Livia Marques Carvalho. A autora coloca:

Os meninos e meninas que vivem em situação de risco geralmente têm baixa autoestima, porque pertencem a comunidades pobres e incorporam várias discriminações e símbolos negativos. Portanto, é importante que se empreguem meios para favorecer o desenvolvimento tanto dos campos cognitivos quanto dos emocionais. [...] A exclusão social penaliza toda uma geração de brasileiros. É indispensável criar chances de integração social e, ao mesmo tempo, gerar condições que proporcionem a afirmação individual. (CARVALHO, 2009, p.2)

Sendo assim, a mediação cultural vem como uma forma de criar uma chance de integração social, como disse a autora. Muitas vezes os estudantes penetram o espaço cultural bem inseguros. Aquele ambiente tão formal, cercado por seguranças, um silêncio absoluto e uma série de critérios faz com que surja uma sensação de controle semelhante à existente em muitos perfis de sala de aula. Por esta razão, eles não se sentem confortáveis e muito menos pertencentes àquele espaço. Logo, é preciso usar todas as ferramentas para mostrar a esse público que esse espaço também é deles e que eles precisam ocupá-lo.

2.2. Experiência 2 – Biblioteca Nacional (Exposição *Eu Leitor*)

A experiência na *Exposição Eu Leitor* também vale muito a pena ser comentada, pois se tratava de uma exposição com uma linguagem moderna e que era totalmente transdisciplinar, em que se aliava artes visuais por meio de instalações misturadas com textos literários. Cada experiência dentro desse espaço era única, individual, pois ele provocava reações muito diversas nas pessoas, provocado pelas múltiplas linguagens ali expostas.

Durante as visitas com as escolas, os estudantes ficavam muito emocionados e a exposição possibilitava que atravessássemos por vários assuntos, desde interpretações de obras literárias e audiovisuais até relações de pertencimento com o espaço, a importância das informações, a censura, etc.

A primeira sala da exposição era repleta de frases de vários autores diferentes escritas nas paredes; frases sobre seus processos de criação, especialmente. Nessa sala, enfatizávamos como o livro é uma coisa única para cada pessoa – assim como qualquer experiência estética com a arte. De forma que cada leitura realizada por cada indivíduo resultará em uma interpretação diferente, com imagens, cores, sons, texturas distintas, movimentadas pela imaginação. Cada pessoa utilizará de referência a bagagem cultural que possui para interpretar o livro ou uma obra de arte.

Nessa sala, os alunos tinham a oportunidade de comentar sobre filmes baseados em livros que já haviam lido. Esse era um momento que criava muita descontração entre os estudantes, pois eles falavam e compartilhavam suas experiências e, nessa oportunidade, se sentiam mais à vontade. Também eram estimulados a fazer uma crítica sobre a visão que o diretor do filme teve sobre o livro, comentando sobre o que era diferente na imaginação deles e o que poderia ter sido melhor.

Esse primeiro momento criava o elo, não só dos estudantes com eles mesmos, descobrindo as coisas que leram em comum, mas também entre os estudantes e o mediador. Há um momento de identificação anterior a este, no qual conhecemos a turma, perguntamos seus nomes, nos informamos sobre a experiência anterior deles com museus e espaços culturais. Mas é somente quando eles se sentem livres para relatar suas experiências e emoções que a ligação é feita.

A segunda sala (imagem 4) era bem escura e continha um piano fechado cercado por milhares de peças de vidraria de laboratório de química. Em frente ao piano encontrava-se uma cadeira que está iluminada por um foco de luz amarela. Existem luzes dentro dos vidros que cercam o piano, essas luzes se acendem gradualmente e se apagam conforme uma voz masculina recita um poema. Nessa sala, contextualizamos os objetos que compõe a obra de arte e fazemos algumas perguntas a fim de fazer com que os alunos façam uma relação entre a poesia, as frases nas paredes e a instalação em si.

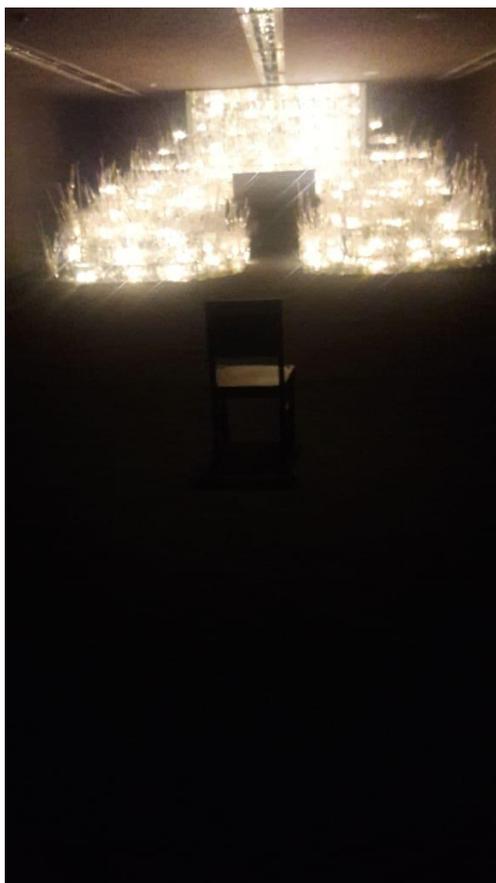


Imagem 4 - Segunda sala da exposição Eu Leitor, o nome da sala é Rumor. A obra foi concebida pelo coletivo Guimarães juntamente com Ismael Monticelli.

A terceira sala (imagem 5) era composta por uma mesa de jantar bem grande, repleta de xícaras de chá. A sala era toda vermelha e na parede atrás da mesa haviam ilustrações provenientes do livro original da *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol. Primeiro, realizávamos um pequeno reconhecimento da sala e suas referências. Em seguida duas atividades poderiam ser ministradas. Uma delas era o exercício de criar histórias, pois nessa sala havia um áudio que tocava em *looping* histórias diversas da literatura clássica. Às vezes escutávamos alguns trechos e a proposta era continuar a história de maneira coletiva.



Imagem 5 - Terceira sala da exposição, a sala de chama Escuta

Outra possibilidade era explorar o material feito para a exposição, que se tratava de um livreto denominado ‘passaporte’ (imagem 6). A visita à exposição era como uma viagem, assim como a leitura de um livro é também como uma viagem. Portanto, era o documento que eles utilizariam para adentrar naquele espaço. O material possuía várias páginas, algumas em branco, para que o estudante pudesse escrever ou desenhar. Também tinha uma sugestão de atividade de escrita criativa proposta pelo curador da exposição.



Imagem 6 – Passaporte do programa educativo

O momento no qual ficávamos sentados à mesa era muito propício para explorar o passaporte. Em uma das últimas páginas havia um questionário denominado ‘questionário proust’ e nele algumas perguntas como: qual o aspecto principal da sua personalidade? Qual a sua noção de felicidade e infelicidade? Qual seu herói favorito? Qual seria a melhor versão de você mesmo ou quem você pretende se tornar? Escolhíamos uma dessas questões e pedíamos aos estudantes para respondê-la, um a um, refletindo sobre nós mesmos e sobre o outro, e compartilhando visões de mundo.

Todo o percurso da exposição foi pensado para tornar a experiência do espectador mais rica. A montagem foi inteiramente pensada para que o público realizasse uma espécie de imersão. E essa preocupação do curador e da produção foi essencial ao desenvolvimento pleno da mediação. O formato da exposição facilitava muito a interação e o processo de aprendizagem dos alunos.

Por fim, gostaria de falar da quarta sala da Exposição *Eu Leitor*, que se tratava de uma sala espelhada com várias lâmpadas penduradas em várias alturas diferentes, cada uma delas com o nome de um autor. Cada um desses autores foi escolhido pelo curador como uma peça que teve uma grande importância para a sua própria vida, sua trajetória como leitor e também como escritor. Chamávamos essa sala de ‘Constelações’ e era nessa sala onde estava a constelação afetiva do curador.



Imagem 7 – Sala das constelações

A ideia da sala era fazer refletir que cada indivíduo tem sua bagagem, suas referências, sua constelação afetiva de autores e artistas preferidos. A constelação

afetiva do sujeito diz respeito à bagagem de obras artísticas que essa pessoa teve contato ao longo da vida. Sejam autores literários, peças de teatro, pinturas, esculturas, músicas, obras de arte eletrônica. Obras de arte que tocaram o coração do indivíduo e das quais ele se lembrará por muito tempo e utilizará de referência para ler outras obras.

Nesse momento, após explicar o conceito de constelação afetiva, falávamos aos estudantes que cada um possuía sua própria constelação. Logo, esse era um momento para que os alunos observassem todos aqueles artistas, sublinhassem os que conhecem e acrescentassem em voz alta quais autores eles acreditavam que também deveriam estar ali naquele espaço. Quais autores eram importantes para eles? Quais os influenciaram? Quais marcaram suas trajetórias?

Era sempre uma discussão muito rica, várias reflexões eram feitas a partir desse ponto. Podia-se notar como é possível conhecer o mundo e conhecer a si mesmo no contato com a cultura e as obras de arte. E quanto mais extenso era o seu repertório, mais interessantes eram suas leituras. Percebia-se também que esse tipo de experiência uma forma de estimular os estudantes e lerem mais, frequentarem mais bibliotecas, exposições e espaços culturais.

APROXIMAÇÕES E INTERSECÇÕES ENTRE MEDIAÇÃO E DOCÊNCIA

O espaço da sala de aula tem muito a ganhar aliando-se ao museu ou espaço cultural. O ideal seria que os estudantes tivessem acesso a várias exposições ao longo do semestre, não só para auxiliar na aprendizagem do conteúdo, mas também para estimular o hábito de visitar e ocupar esses espaços.

O estudo da imagem é essencial para a docência na área de artes e como vimos o acesso a essas imagens encontra-se muitas vezes dificultado por várias questões. E mesmo quando há esse acesso a recursos didáticos físicos adequados, como um computador e o projetor de imagens, há outros tipos de barreiras – seja pela dificuldade de seleção de imagens em diálogo com o contexto do conteúdo a ser abordado, seja por uma questão de qualidade e possibilidade de visualizar detalhes que uma visita à galeria permite, mas uma observação da imagem não contempla. Simplesmente passar slides com a luz apagada não gera uma total imersão ao universo imagético provocado por uma exposição.

É preciso criar várias estratégias para trazer o interesse dos estudantes, desde o conteúdo escolhido até a maneira de se apresentar tudo isso. Diante dessas reflexões, esta pesquisa se volta principalmente para estudantes do ensino médio e dos últimos anos do ensino fundamental, com os quais tive oportunidade de trabalhar ao longo das experiências relatadas nos capítulos anteriores e que me deram elementos para pensar a relação desses dois espaços de ensino, em suas mais comuns complexidades.

Especialmente, observei que esses estudantes têm e querem ser conquistados por uma dinamização do conteúdo, onde é preciso que eles saibam o porquê de estar estudando tudo aquilo. Senão, toda a aula e a matéria ministrada se tornarão apenas uma obrigação com informações a serem decoradas. Desse modo, parece ser evidente conscientizar os alunos de que estamos em contato com a arte e principalmente com imagens todo o tempo, em todos os lugares, mas que parte dessas imagens, no campo da arte, estão em espaços específicos e podem ser apreciadas e experienciadas. Sobre experienciar a arte o autor John Dewey afirma:

Para perceber, o espectador ou observador tem de criar sua experiência. E a criação deve incluir relações comparáveis às

vivenciadas pelo produtor original. Elas não são idênticas, em um sentido literal. Mas tanto naquele que percebe quanto no artista deve haver uma ordenação dos elementos do conjunto, que, em sua forma embora não nos detalhes, seja idêntica ao processo de organização conscientemente vivenciado pelo criador da obra. (DEWEY, p 137, 1980)

Em uma sala de aula, convivendo com os mesmos estudantes durante cerca de um ano, cria-se uma relação bem diferente daquele elo efêmero criado ao longo de uma mediação em um espaço cultural. O mediador cultural e o professor têm diferentes relações com os alunos, pois a relação com o mediador é bem mais informal. Apesar de haver uma hierarquia, os alunos não estão comprometidos com notas, trabalhos ou relações posteriores. É muito mais leve em relação a postura com o professor.

Isso se deve a toda a forma como o contexto escolar é organizado, embora não seja a intenção colocá-lo aqui como uma coisa negativa. Ao contrário. A interação de natureza mais longa tem suas vantagens, pois nela é possível criar uma continuidade no trabalho, além de ter a oportunidade de conhecer melhor o discente, possibilitando estratégias de aprendizagem novas e variadas, de acordo com as especificidades cotidianas surgidas ao longo do período letivo. E quanto mais se conhece o público, mais fácil se torna saber qual abordagem funcionará melhor. Lição que se reforça no contexto da mediação cultural. O objetivo que se deve manter em mente é ensinar os estudantes alguns dos fundamentos da linguagem visual. Sobre esse assunto Ana Mae comenta:

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a preparamos para aprender a gramática da imagem em movimento. (BARBOSA, P 34, 1991)

A sala de aula pode ser um ambiente estimulante para o aluno, que desperta a curiosidade e sua vontade de pesquisar assuntos de modo autônomo bem como crítico, sem deixar de ser mediado. Entretanto, é preciso que os estudantes tenham mais voz dentro do espaço, pois quanto mais voz e representatividade eles tiverem na escola, mais se sentirão próximos dos docentes e conseqüentemente das informações que eles têm a passar.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da autonomia*, de 1996, escreve sobre o tema usando a expressão *se assumir*. O autor diz:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. (FREIRE, p. 18 e 19, 1996)

Há de se criar um sentimento de admiração entre estudantes e professores e não de hierarquia. O respeito virá em forma de atenção e encantamento pelo aprendizado e crescimento que aquela situação pode proporcionar.

Dessa forma, a arte se mostra uma matéria muito pertinente para trabalhar a autoconfiança dos alunos em exporem suas opiniões. Uma vez que existem várias interpretações e caminhos para se chegar a conclusões, os estudantes não se sentirão tão inseguros em errar. Eles perceberão que às vezes o processo foi bem mais importante e enriquecedor do que o resultado certo ou errado.

Pode ser importante também compartilhar com os estudantes alguns olhares sobre o processo de aprendizagem e o ofício da docência. Permitir aos alunos que reflitam sobre si mesmos e sobre seus próprios desenvolvimentos e desempenhos. Ficando ciente de que existem métodos pedagógicos diferentes e diversas formas de aprender e absorver o mesmo conteúdo, eles se tornam capazes de analisar qual melhor forma se enquadra para cada um. E com certeza será diferente para cada um; uns vão aprender melhor visualmente, outros utilizando a audição, outros somente pela prática da ação ou pela resolução de exercícios. E isso é fortemente explorado no contexto da mediação cultural: as explorações dos sentidos.

As pessoas reagem de formas bem diferentes ao longo de visitas em galerias. Também na galeria pode se fazer necessário tornar o público ciente de como a arte pode auxiliar na formação da identidade dos sujeitos, a partir de uma imersão sensível. Desse modo, parece natural que, tanto o espaço da sala de aula quanto o espaço cultural são locais que podem permear a formação identitária, a construção de valores, os sentimentos de pertencimento e de representação.

3.1 A mediação cultural como narrativas para aprendizagem

Na mediação cultural, muitas vezes se opera a ação por meio de narrativas. O uso desse tipo de recurso ajuda a tornar o objeto mais familiar para o espectador, porém deve ser bem pensado e cauteloso – ou seja, não é um processo desorganizado ou improvisado. O autor Pablo Helguerra apresenta esse assunto em seu texto “O peso do conto: a narratividade como ferramenta de mediação”, de 2011. Ele escreve:

O desafio a ser enfrentado com o recurso da narrativa para esclarecer o conhecimento de uma obra é conseguir empregá-la adequadamente. Com a narrativa é possível cair facilmente no reducionismo, ora gerando a impressão de que uma obra pode ser “explicada” com uma história ou a ideia da obra não ser mais do que o produto de uma série de anedotas que justificam sua existência e seu valor artístico. (HELGUERRA, p. 66, 2011)

O autor ressalta que o ser humano tem uma tendência a criar narrativa lógicas, logo quando percebe uma imagem que não tem recursos para interpretar criar narrativas e oferecer dados pode auxiliar na análise da obra. Helguerra também defende que todo o processo deve acontecer de forma dialógica, de maneira que as interpretações sejam construídas colaborativamente.

As informações oferecidas pelos mediadores devem ser pensadas de forma a não levar o público a observar aquela obra de maneira tendenciosa. Além disso, é importante abordar vários pontos de vista diferentes. O autor também lembra que o mediador que tem um extenso conhecimento de história da arte deve limitar a quantidade de informações, tratando de assuntos pontuais. Isso porque o espaço cultural é um espaço de circulação, no qual o público se encontra em pé e pode se perder em uma explicação muito longa sobre toda a história da arte. Desse modo, ele aponta que se deve manter o foco nos pontos importantes a serem abordados, traçando um objetivo.

Esse é um ponto em comum que pode haver entre a sala de aula e a mediação em espaço cultural. Ambos têm um objetivo, uma expectativa de aprendizagem que deve ser trabalhada de acordo com o tipo de público e o tempo disponível. É necessário realizar um trabalho de planejamento muito sensível nos dois casos.

A narrativa na mediação cultural tem uma relação com o fio condutor de toda a visita ao espaço cultural. O fio condutor é um assunto principal que será tratado ao

longo da conversa e que será retomado em vários momentos diferentes por conta das obras de arte que estão sendo lidas. Por exemplo, o fio condutor da exposição Eu leitor era a importância da literatura, da informação e dos pontos de vista diversos que podem surgir na interação do público com a obra, seja ela de artes visuais ou literatura.

3.2 Questões culturais: um elo entre a mediação e a sala de aula

O processo de aprendizagem do ser humano perpassa o contato com elementos culturais dos mais variados suportes. Uma criança passa por um processo de aprendizagem cultural no contexto do qual nasce, aculturando-se, no decorrer de sua trajetória, de outras culturas. A pesquisadora Silvia Maria Cintra da Silva escreve sobre o assunto e relata:

Ao longo da história, ao produzir cultura a espécie se humanizou, o que significa que humanizar-se é apropriar-se da cultura. Na progressiva inserção da criança neste universo, a arte mostra-se imprescindível vetor de desenvolvimento e aprendizagem, especialmente no que se refere à constituição das funções psicológicas superiores. (SILVA, p.2, 2009)

Tendo em vista que a arte é elemento fundamental na formação integral do indivíduo, seria muito rico se todos pudessem ter acesso a diversos tipos de interação com a arte. O contato com a prática também se mostra muito importante, pode ser aliado ao estudo da teoria tanto na sala de aula como no espaço cultural. A autora também ressalta a importância de se conhece não só arte acadêmica como também arte popular. Em um trecho do mesmo texto ela diz que “A polêmica cisão entre arte erudita e arte popular, estética e fruição também são searas pelas quais o docente precisa transitar, pois são temas caros ao campo da cultura.” Não há aqui nenhuma hierarquia entre arte popular e arte erudita.

Ao longo de várias mediações realizadas, entre as experiências destacadas nos capítulos anteriores e experiências que ainda estão sendo vivenciadas foi possível perceber como explorar a cultura popular e elementos que estão mais próximos da realidade dos estudantes auxilia muito a aproximá-los das obras. Há vários tipos de arte com as quais os alunos convivem diariamente, há aquelas que eles adoram ou odeiam e podemos partir

dessa experiência deles para criar uma conexão entre eles e a obra. Histórias em quadrinhos, cinema, programas de televisão, fotografia, grafite, rap são alguns exemplos de cultura pop que podem ser trabalhados em paralelo com o conteúdo. Na exposição eu leitor, utilizávamos o rap e as rimas para nos aproximar da literatura.

Os pesquisadores Souza e Azevedo estudam sobre as relações de identidade pertencimento no contexto do ensino das artes visuais. Os autores comentam:

Entendemos como necessário no processo de ensino e aprendizagem em arte haver a relação entre o discente e os conteúdos artísticos, fazendo-se primordial ter a responsabilidade de um ensino que dialogue as teorias com as vivências dos alunos, assim respeitaremos suas histórias, ao invés de somente contar-lhes histórias alheias, desconexas muitas vezes de suas realidades e interesses. (SOUZA e AZEVEDO, p 551, 2014)

E esse recurso pode ser utilizado também em sala de aula, pode ser transportado da mediação para a sala de aula. De forma que é podemos aprender em aulas de literatura a contar não só as estrofes dos versos de autores renomados como também dos cantores de rap preferidos dos alunos. É possível que assim eles se sintam um pouco mais representados, vendo que a cultura deles também tem valor e ao mesmo tempo se aproximar desses grandes literatos que foram os pioneiros na arte de rimar. Nunca se esquecendo também dos elementos da cultura popular brasileira que nesse caso são os repentistas e cordelistas, com os quais muitas vezes os alunos também tem algum contato prévio.

Há de se criar estratégias de aproximação entre esses conteúdos, e essa ferramenta é um coringa para a sala de aula e a mediação. Ana Mae Barbosa, em seu livro “Inquietações e mudanças no ensino da arte”, de 2002, evidencia que:

No que diz respeito à cultura local, pode-se constatar que quase sempre apenas o nível erudito dessa cultura é admitido na escola (Tarsila, Portinari, etc). As culturas de classes sociais economicamente desfavorecidas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação dessas classes. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para que os oprimidos possam se libertar da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. Isto não significa a defesa de guetos culturais ou negar às classes populares o acesso à cultura erudita, porque esses são os códigos dominantes – os códigos do poder. (...) A mobilidade social depende da interrelação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais e o entendimento do mundo depende de uma ampla visão que integre o erudito e o popular. (BARBOSA, p 20, 2002)

É necessário que haja uma quebra de hierarquia entre cultura erudita e cultura popular. E também uma relativização da hierarquia no caso de alunos e professores, é preciso estimular o respeito pela admiração e não pelo medo ou pelas notas. Cativa-se o estudante por meio de interações entre seu mundo e o universo da arte.

O exercício da docência em sala de aula tem muito a ganhar com o contato com museus e espaços culturais, especialmente quando possuem educativos bem estruturados. O mediador pode conversar com o professor antes da visita para saber o que os alunos estão estudando, às vezes o professor já pensa em levar seus estudantes em alguma exposição específica para tratar de algum assunto que estão vendo na escola. Então essa conversa entre professor e mediador também é importante. O mediador também pode estar por dentro da divisão do conteúdo entre os anos escolares, pois isso auxilia na hora de apresentar conceitos.

Sendo assim, é necessário que se crie um movimento de união e integração entre o espaço cultural e a sala de aula. Em Brasília isso acontece na forma de convênios entre as produtoras de exposições e a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Porém, ainda é pouco explorado. Dessa forma, por meio do desenvolvimento de pesquisas e também de projetos de programas educativos continuaremos sempre buscando o aprimoramento das formas de mediação cultural, seja em sala de aula, seja no museu, e também a democratização do acesso a arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção desse trabalho ajudou a sistematizar um conhecimento empírico que eu já possuía por ter frequentado espaços culturais e trabalhado em programas educativos ao longo de minha carreira acadêmica. Além do trabalho de mediação desenvolvido, ter a oportunidade de refletir sobre ele e adicionar bibliografias que acrescentam a experiência de vários outros colegas pesquisadores é muito enriquecedor para mim como profissional.

A mediação cultural também entrou na minha vida como um processo que permeia minha construção como artista, como arte educadora e como ser humano. A paixão pela mediação só aumenta e a perspectiva é continuar trabalhando na área e buscar desenvolver planos de carreira. Para que um dia, nossa cidade esteja repleta de produtoras culturais com programas educativos bem elaborados com profissionais que se sintam valorizados e possam desenvolver suas carreiras a longo prazo na área.

O que dizem é que a carreira nas artes pode ser mais bem desenvolvida em São Paulo, pois lá há mais espaços culturais e conseqüentemente mais oportunidades. Mas essas oportunidades não deveriam estar restritas a essas grandes capitais, devemos levar essas iniciativas para todos os lugares. E é por isso que continuaremos na resistência, tentando fazer de Brasília uma cidade promissora para os mediadores culturais e artistas nascidos no cerrado.

Desenvolver um plano de carreira para o profissional que entra no mercado como um mediador cultural é uma meta interessante. O ideal seria entrar como mediador cultural, em seguida trabalhar supervisionando e coordenando um programa educativo, após essa etapa trabalhar com a produção do material utilizado pelo educativo. O que pode ser seguido por um trabalho com produção cultural, montagem de exposições, auxiliar o processo de curadoria, treinamento de mediadores de um programa educativo, elaboração de projetos de exposições.

São muitas funções no processo de criação e desenvolvimento da experiência de uma boa visita à galeria, uma boa mediação cultural. Envolve uma equipe comprometida e um trabalho que é muito envolvente e apaixonante. Tenho muito orgulho de trabalhar nessa área e planejo continuar na arte educação que se tornou uma grande paixão e motivação.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Livia Marques. O impacto do ensino das artes nas ONGs. São Paulo, Editora Cortez, 2008.

COUTINHO, Rejane Galvão. LIA, Camila Serino. A mediação cultural pela perspectiva da arte/educação: comentários sobre uma experiência. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

COUTINHO, Rejane Galvão (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

HONORATO, Cayo. Mediação para a autonomia? In: FONTES, Adriana & GAMA, Rita (orgs.). Reflexões e Experiências: 1o Seminário Oi Futuro: Mediação em Museus, Arte e Tecnologia. Rio de Janeiro: Oi Futuro; Livre Expressão, 2012, pp. 48-59. (Coleção Arte & Tecnologia)

HONORATO, Cayo. Relato sobre palestra e debate com Carmem Morsh http://www.forumpermanente.org/event_pres/exposicoes/documenta-12-1/relato-sobre-palestra-debate-e-oficina-com-carmem-morsch

HELGUERRA, Pablo. O peso do conto: a narratividade como ferramenta de mediação. In: _____ (org.) Mediação: traçando territórios. Porto Alegre, RS: Fundação Bial do Mercosul, 2011.

SILVA, Silvia Maria Cintra. Mediação cultural, reflexões a partir da teoria. Uberlândia, 2009.

BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. Editora Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. Editora Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Estudos, 126)

KAPLAN, Abraham. in DEWEY, John. Arte como experiência. Editora Perigee Books, 1980.

DEWEY, John. Arte como experiência. . Editora Perigee Books, 1980.

BARBOSA, Ana Mae. Arte, educação e cultura. Editora Perspectiva, 1978. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>

SOUZA, Adrise Ferreira. AZEVEDO, Claudio Tarouco. Identidade e pertencimento: uma abordagem no campo de ensino das artes visuais. Anais do 24º Seminário Nacional de Arte Educação. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/download/244/344>